

EULAC: desafios da integração e do crescimento

# da edição universitária latino-americana e caribenha



## **José Castilho Marques Neto**

*Professor de filosofia e editor universitário na Universidade Estadual Paulista – UNESP - preside a Editora UNESP ([www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)) e é Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura do Brasil. Presidiu a EULAC e a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).  
Contato: [castilho@editora.unesp.br](mailto:castilho@editora.unesp.br)*

*Lo que la arena dice al mar tal vez sea: —No te serenes nunca. Tu belleza es tu absoluto desconuelo. Si encontraras sosiego perderías tu condición de mar. Si te calmas dejará de fluir el tiempo.*

José Emilio Pacheco, "Costas que no son más", en La fábula del tiempo: antología poética. Santiago: lom, 2007

O dia 26 de agosto de 1987 marcou a edição universitária latino-americana com uma iniciativa até então pioneira: foi criada com apoio do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC) e por iniciativa de Pedro Visconti Clava, então diretor da Libreria Universitária da Universidad del Pacífico, Peru, e a Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe (EULAC). A esse idealizador peruano juntaram-se lideranças de diversos países do continente e do Caribe. O lema não poderia ser mais necessário e preciso: "Integrarnos es una necesidad, lograrlo será nuestra tarea".

Foi com essa marca e elevado objetivo integrador que muitos editores universitários do continente prosseguiram com essa iniciativa que completa 27 anos de construção, resultado do infindável trabalho fraterno

entre os 22 países membros que buscaram sempre o coletivo, o bem comum e o pleno desenvolvimento da edição universitária na região. Após a presidência de Pedro Visconti, sucederam-se Mário Castillo (Costa Rica), José Castilho Marques Neto (Brasil) e Juan Felipe Córdoba Restrepo (Colômbia) à frente de valorosas juntas directivas formadas por diversos líderes editores acadêmicos do continente. Foram e são muitas as mãos, mentes e corações que construíram e ainda constroem nossa maior entidade representativa da edição universitária regional.

Hoje, depois de quase três décadas, podemos afirmar que seus objetivos iniciais continuam válidos e, em alguns períodos, me parecem ainda mais urgentes. São eles:

1. La integración de las editoriales universitarias latinoamericanas y del Caribe.
2. El fomento de la producción y distribución del libro especialmente el texto universitario, las publicaciones periódicas y todos los demás materiales impresos productos del quehacer académico, que requieren la más amplia circulación.
3. El perfeccionamiento técnico y administrativo de las editoriales universitarias.
4. La difusión del pensamiento académico hacia la comunidad.

Em 1987 ainda não havia o novo suporte digital do livro, que Roger Chartier tão bem denomina *textualidade eletrônica*, questão que se acrescentou rapidamente ao contínuo desafio da produção e difusão dos materiais impressos enfrentado pela edição acadêmica. Às novas tecnologias e suas consequências para a escrita e a leitura, somaram-se contínuas e profundas modificações do mundo acadêmico e do mundo editorial. As tradicionais dificuldades de difusão da informação e do conhecimento regional universitário passaram a enfrentar, em grau nunca antes imaginado, aquilo que tantos investigadores já caracterizaram como a *civilização do espetáculo* e seu notório menosprezo à reflexão e à leitura como construção dos sentidos e fomentadora de consciências críticas e da cidadania participativa. A informação ligeira e consumível, somadas às facilidades de copiar do milagroso “Ctrl+C/Ctrl+V”, em detrimento da necessária e difícil busca da informação de qualidade e da construção do conhecimento, confun-



Editar, como a vida, é um lugar de risco, de desafios permanentes, de arte e de técnica, de eterna tensão entre a criação desinteressada e a dura realidade do comércio distributivo e suas regras de concorrência. Essa é a nossa “condição” de editores. E essa condição é ainda mais necessária se ampliarmos esse cenário para o mundo atual, altamente competitivo e profundamente desigual nas oportunidades de difusão do conhecimento.



diram-se nesses anos de crise dos paradigmas do ensino superior. Vivenciamos uma era de alta tecnologia e com uma má formação universitária dos estudantes de ensino superior, cada vez menos preparados para compreender, analisar e solucionar problemas complexos que estejam um pouco além da sua restrita área de formação técnica. Nesse contexto não é estranha a dificuldade contemporânea em formar profissionais capacitados para os desafios do mundo do trabalho. Em meio às transformações rápidas e intensas de um mundo em fase aguda de crise e criação, da globalizada “era da informação e do conhecimento”, percebemos nossas universidades ainda procurando uma espécie de caminho de volta aos seus objetivos de bem formar. O desafio de formar estudantes com capacidade leitora deveria ser o primeiro dos objetivos e nele aqui deveria estar novamente presente a edição universitária.

Por esses motivos é que entendo que os quatro objetivos iniciais da EULAC mantêm sua atualidade e urgência. Uma das mais virtuosas metas da atividade acadêmica é justamente forjar mecanismos que divulguem e distribuam o conhecimento gerado pela criatividade e pelo intelecto dos seus cientistas e investigadores de todos os matizes e ciências. Preservar e divulgar o conhecimento, colocando-o a serviço da sociedade que a sustenta continua a ser (ou deveria ser) a maior responsabilidade de uma instituição superior de ensino, pesquisa e extensão.

Como nos sugere o espírito do poema na epígrafe que abro esse texto, editar, como a vida, é um lugar de risco, de desafios permanentes, de arte e de técnica, de eterna tensão entre a criação desinteressada e a dura realidade do comércio distributivo e suas regras de concorrência. Essa é a nossa “condição” de editores. E essa condição é ainda mais necessária se ampliarmos esse cenário para o mundo atual, altamente competitivo e

profundamente desigual nas oportunidades de difusão do conhecimento. Como lidar com um mundo onde se valoriza mais a reprodução dos conceitos, idéias e informações originados em países hegemônicos? Como resistir ao quase menosprezo da criação que vem das regiões periféricas e da rejeição preliminar ao contraditório que questione as “verdades únicas” geradas por potências econômicas e políticas?

Ecoam em minha lembrança as inúmeras recomendações dos muitos encontros e reuniões, desde os primeiros anos da EULAC: participar efetivamente da criação intelectual e artística nas universidades, aperfeiçoar ainda mais os profissionais que hoje lidam com a diversidade dos *gadgets* eletrônicos e que devem ter a sabedoria de equilibrá-los com o velho e persistente livro impresso. E, sobretudo, atender o leitor contemporâneo e despertar nele a paixão pela leitura construtora dos sentidos e das consciências críticas. Essas missões são eternas e os objetivos fundadores da EULAC demonstram sua permanência e sentido.

Mas de todos os objetivos fundadores um se realça e se impõe como o grande desafio: a união e a firme disposição de todos os países, universidades e centros de pesquisa da América Latina e Caribe em valorizar as suas editoras universitárias. Sem essa decisão, que ainda tarda, dificilmente se imporá ao restante do mundo que em nossa região também se produz ciência, arte e cultura da melhor qualidade. Ou lograremos esse objetivo somando forças e interesses comuns para enfrentar com um mínimo de igualdade a avassaladora imposição material e intelectual daqueles que dominam o mundo globalizado ou estaremos acorrentados ao eterno absorver e reproduzir, mesmo que aparentemos ares sábios e circunspectos, como o ritual acadêmico tão bem dissimula.

*São Paulo, 17 de fevereiro de 2014*